

Resumo: *O artigo é o depoimento de um ex-secretário particular de Dom Joaquim, que conviveu com o Arcebispo durante o ano de 1946, atendendo-o no seu dia a dia na residência arquiépiscopal e, também, durante as visitas pastorais às paróquias da Arquidiocese, que na época incluía o Sul do Estado. Os detalhes pitorescos se devem à espontaneidade da testemunha ocular.*

Abstract: *The article is intended to be a testimony from the former secretary of Don Joaquim who spent a lot of time in close contact with the Archbishop during 1946, in employment on a daily basis at the official residence in Florianópolis and accompanying him on his pastoral visits to parishes as far as to the South of the State of Santa Catarina. Some picturesque details of these descriptions add some local coloring to spontaneous inspiration.*

Dom Joaquim Domingues de Oliveira visto por um de seus secretários

*Dionízio Luiz Colombi**

* O autor é bacharel em Direito, Advogado, aposentado.



Antes de escrever algo sobre minha passagem como Secretário particular Dom Joaquim, devo primeiro contar como foi minha ida ao seminário de Azambuja. Nasci em Botuverá, cuja paróquia era e ainda hoje é administrada pelos Padres do Sagrado Coração de Jesus, os Dehonianos, que encaminhou e já formou e ordenou mais de duas dezenas de presbíteros, oriundos dessa paróquia e todos pertencentes à mesma Congregação. Isto posto, seria natural que eu acompanhasse meus conterrâneos, hoje Padres SCJ. Entretanto, em Azambuja, trabalhava no complexo do Seminário, Hospital, Asilo e Hospício, uma tia e madrinha, irmã de meu pai, que se ofereceu para custear meus estudos com seu trabalho. Infelizmente, poucos meses depois, a futura financiadora dos meus estudos faleceu, acometida de febre tifóide, e meus estudos foram quase que na totalidade pagos pela “Obra das Vocações Sacerdotais”.

No seminário de Azambuja, a vida dos seminaristas era severa, até por demais. Havia três turmas, grandes, médios e pequenos. Irmãos em turmas diferentes, a rigidez era tal que só uma vez por mês eles poderiam conversar, sob pena de “perderem pontos” no comportamento. Não posso me queixar das tarefas recebidas: lavar louça, varrer e outros serviços domésticos. Quando entrei no seminário fui para o preliminar, por isto fiz sete anos de estudos no estabelecimento, tendo “recebido a batina”, cerimônia conclusiva do curso, em 08.12.1945.

No começo de 1946, estando em férias em minha casa, em Botuverá, recebi um aviso de que o Cônego Bernardo Peters, o Reitor, desejava falar em Azambuja. Ele recebeu-me com aquela sua gentileza de sempre e, achando-me muito magro, perguntou-me se não queria descansar um ano nos estudos... e servir a Dom Joaquim, como secretário particular, morando com ele no Palácio Arquiepiscopal. Cônego Bernardo salientou que eu havia sido pago pela Obras das Vocações Sacerdotais, como aliás frisei acima, alegando que o seminarista Alexandre Merico que era o secretário, iria continuar seus estudos em São Leopoldo, e eu deveria ocupar seu lugar.

Não pude me negar a um convite tão honroso, ainda mais que eu devia muito à Arquidiocese, pelos estudos recebidos praticamente de graça. Além do mais, era um convite realmente honroso: o próprio Sr. Arcebispo que repetia, constantemente, que eu era privilegiado em ser secretário de um Príncipe da Igreja...



Convívio com Dom Joaquim

Aceito o convite, dirigi-me à Capital do Estado e me apresentei no Palácio Arquiepiscopal, nos primeiros dias de janeiro de 1946. Minha tarefa era levantar às 6 horas, sendo despertado pelo próprio Sr. Arcebispo, que, da janela, chamava: “Colombi!” Meu quarto ficava bem em frente à dita janela, no piso inferior. Após levantar-me e me arrumar, subia ao andar superior e ia para a Capela, onde todos os dias o Sr. Arcebispo celebrava sua missa em latim e eu servia como coroinha.

Lá pela metade do ano, o Sr. Arcebispo falou que não mais me daria a comunhão, não porque eu tivesse feito alguma coisa fora do normal, porém sua Exa. disse-me que, se eu pretendesse comungar e para não ser rotina, deveria ir receber a Sagrada Eucaristia no Ginásio, hoje Colégio, Catarinense, bastante próximo, o que fiz sem problemas. Antes da missa, ou mesmo após as orações de costume, muitas vezes eu cochilava, e as vezes sua Exa., também. Após a missa, cada um dirigia-se para seu quarto e aguardava a copeira tocar a sineta para sua Exa. Descer: eu ia ao encontro dele, me ajoelhava para beijar seu anel, todos os dias a mesma cerimônia.

Nosso café da manhã, consistia, todos os dias, de entrada, cebola crua picada com sardinha enlatada, depois, servia-se o café com leite e naturalmente o pão. Após o café, nos dirigíamos para a chácara, que era grande, pois começava na Rua Esteves Junior e estremava aos fundos com a atual Arno Hoeschel. Lá regávamos as plantas, plantávamos algumas coisas, isto durava mais ou menos uma hora. Também depois do almoço íamos para a chácara, onde havia muitas frutas.

Nas refeições, Sua Exa. gostava de conversar, contando histórias, muitas vezes repetidas. Quando havia outras pessoa à mesa, eu nunca poderia interpe-lá-los sobre qualquer assunto, a não ser que Sua Exa. Me autorizasse, questão de hierarquia.

Quando Sua Exa. desejava se confessar, mandava alguém para o convento dos Franciscanos, com o recado para seu confessor ir até o palácio. O Sr. Arcebispo, às vezes, na capela do palácio, administrava o sacramento da Crisma a quem o solicitasse. Não foi frequente, no meu tempo, mas lembro-me de uma alta figura, duas vezes alta, primeiro no tamanho e depois no cargo, pois, era o Cel. Lopes Vieira, prefeito da Capital, que, ao sair, deu-me uma nota de CR\$ 50,00, naquele tempo, muito dinheiro.



No começo da campanha para as eleições, era costume, pelo menos dos dois partidos maiores à época, PSD e UDN, virem pedir a bênção ao Sr. Arcebispo, para o bom andamento do intento. Uma ocasião, enquanto sua Exa. estava atendendo a um partido, chegou o outro... Como era eu que os recebia no palácio, pedi que esses aguardassem nos fundos, onde ficariam despercebidos. De resto, sempre que havia visitas ilustres, eu devia servir um cálice de vinho do Porto, que havia no porão do palácio, isto era sagrado.

A visita ao seminário de Azambuja também deu o que falar, pois lá havia a malfadada da malária e eu a tive pelo menos uma vez por ano, mas Sua Exa., dizia que não havia tal doença. A coisa chegou a ser tão calamitosa, que até o Ministro da Saúde, o Dr. Mário Pinotti, na época, esteve no Seminário. Houve uma grande campanha para a destruição dos gravatás, pois havia a crença, depois desmentida pelo nosso botânico Pe. Raulino Reitz, de que eram eles os criadores das larvas dos mosquitos. Mesmo com todos esses fatos, Dom Joaquim em momento algum acreditou que a malária era praga em Azambuja. Nessa mesma ocasião, recebi dele severa advertência, pois, antes de entrar no carro, em qualquer lugar onde o Arcebispo ia, fosse em visita pastoral ou por outro motivo, eu deveria dar os seguintes “vivas”: uma vez para a Santa Madre Igreja, uma para o Papa e *03 (três) vivas a Sua Exa. O Sr. Arcebispo Metropolitano*. Acontece que eu, vendo o entusiasmo da plateia aí presente, dei mais um viva ao Seminário de Azambuja, o que era fora do protocolo...

No ano em que fui secretário, também houve o Congresso Eucarístico na cidade de Criciúma, celebrando os 50 anos do início da mineração do carvão. Fomos de carro até Laguna, e lá tomamos o trem até Criciúma. O trajeto é longo, a viagem demorou bastante, e a recepção foi muito acalorada e prolongada. Após os discursos da recepção fomos diretamente para a Matriz, sem ter acesso a um banheiro ou lavabo. Quando estávamos todos no altar, Sua Exa., ajoelhado em seu genufletório, manifestou certa indisposição. Mesmo assim, dirigiu-se ao púlpito, falando por muito tempo e, como de costume, às vezes sapateando ao fazer alguma graça. Na casa paroquial, Pe. Agenor Marques, organizador do Congresso, mostrou ao Arcebispo a tese que iria defender. Dom Joaquim, mostrando seu desagrado, rasgou papel e o jogou no chão. Pe. Agenor, de estatura pequena, mas firme, juntou os pedaços e os beijou. Lembro-me do seu discurso inflamado, na praça, na inauguração do monumento ao Operário do carvão.



Voltando ao meu convívio com Dom Joaquim, lembro-me de uma particularidade: S.Exa. não tinha rádio nem telefone, e as visitas eram inesperadas, pois, não havia como marcá-las. Para tanto, sempre que não estava disposto a receber uma visita, ordenava-me: “ Hoje não recebo ninguém, a não ser o Monsenhor Frederico Hobold (que era Vigário Geral).

O palácio dispunha de três salas de visitas: a primeira, logo na entrada principal, onde eram recebidas, visitas simples; do lado direito da entrada, era um salão grande, para reuniões com bastante pessoas; a sala “do Trono” ficava à esquerda de quem entra no palácio e, como o próprio nome lembra, havia um Trono , onde sua Exa. recebia os convidados ou visitantes ilustres.

Cumprido meu tempo de secretário, assumiu o seminarista Oldemar Muller, irmão do Pe Osmar, já falecido. Finalmente, mais uma curiosidade, os três secretários: Merico, eu e Oldemar, eram todos naturais de Brusque, e nenhum foi ordenado padre.

Conclusão

Após minha saída, fui convidá-lo para o meu casamento, tendo me recebido muito bem e disse que iria rezar a missa pela parte da manhã, na Catedral. Como meu casamento era de tarde, Mons. Frederico Hobold seria o designado para oficiá-lo, o que foi feito. Outra ocasião, fui convidá-lo para assistir à minha formatura como bacharel em Direito: ele aceitou, comparecendo entre as autoridades. Pouco mais de 20 anos depois do meu tempo de Secretário de Sua Exa., em 1967, compareci ao seu sepultamento.

Hoje sou uma pessoa feliz e realizada, pois, tendo nascido na roça, de pais analfabetos, consegui me formar em curso superior, bem como todos os cinco filhos e dois enteados, todos casados, cujos(as) esposos(as), também todos possuem curso superior. Mas não fica por aí: tenho 10 (dez) netos e eles todos já têm o curso superior. É por isso que digo que sou um privilegiado, feliz e realizado.

Tudo isto devo em primeiro lugar a Deus; depois aos meus pais, que com sacrifício me encaminharam; e finalmente uma eterna gratidão ao Seminário Nossa Senhora de Azambuja, em Brusque, o qual com seu convívio me abriu uma grande clareira nos estudos, podendo eu transmiti-los aos meus descendentes, como acima referido.



Aqui termino, como encerraria uma visita Pastoral de sua Exa, com os três “vivas” obrigatórios: à Igreja, ao Papa, e ao Arcebispo. Bendita seja a memória de Dom Joaquim.

Florianópolis, 14 de julho de 2014.

Endereço do Autor:

a/c Seminário de Azambuja
Praça de Azambuja 1076
88353-460 Brusque, SC